

**CONVITE**

**“**No centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!**”**

**Do livro Grande Sertão: Veredas**

A Direção da UPE/Campus Petrolina, o Colegiado de Letras e a Fundarpe convidam para uma reunião de planejamento do **II CLISERTÃO-Congresso do Internacional do Livro, Leitura e Literatura**-, evento que será realizado no período de 5 a 10 de maio de 2014 em Petrolina-PE. Seguem dados dessa reunião:

**Data**: 30 de outubro (quarta-feira)

**Horário**: 18h40

**Local**: Sala Ambiente de Pedagogia (Prédio Antigo)

Venha ajudar a construir o mais importante evento na área do livro no Sertão de Pernambuco. Confirme a sua presença através do email [gnascimento26@yahoo.com.br](mailto:gnascimento26@yahoo.com.br)

Atenciosamente,

Moisés Diniz de Almeida

Diretor

**FRAGMENTOS DO I CLISERTÃO (2012)**

[**A mesa de glosa e o sertão tradicional**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/21/a-mesa-de-glosa-e-o-sertao-tradicional/)



Mesa de Glosa (Foto: Ricardo Moura)

A Mesa de Glosa, que aconteceu na sexta-feira (19/05), no auditório da UPE em Petrolina, começou logo depois da mesa de debates que propunha uma desconstrução da ideia de sertão. A tradicional disputa em versos é de uma beleza impressionante. Melhor, hipnotizante. O fato de ter vindo logo depois do debate de Fabina Moraes e Ronaldo Correia de Brito foi interessante, pois fez clara a importancia de repensar o modelo tradicional sem abrir mão de toda a bagagem inegável que o sertão traz no seu bojo. Foi isso o que a mesa de glosas disse ao público petrolinense.

Dispostos em uma mesa no palco, oito poetas miram um papel colocado à frente com o mote, que são os dois versos finais. A partir de então, o primeiro deve construir uma poesia de dez versos, de improviso e rapidamente. Os olhos dos poetas ficam vidrados no papel, a concentração é total. Vez em quando pairam no teto, buscando algo na memória. O público acompanham e silencia, ninguém se move nas cadeiras. E como que por mágica, um a um levanta, recitando os versos que emocionam ou fazem rir, mas sobretudo arrancam muitas palmas do público.

Confira um trecho da mesa:

<http://www.youtube.com/watch?v=Y7I4vtD2Lfw&feature=relmfu>

[**Para montar e desmontar o Sertão**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/19/da-arte-de-montar-e-desmontar-o-sertao-o-penultimo-dia-do-clisertao-em-petrolina/)



Schneider Carpeggiani, Fabiana Moraes e Ronaldo Correia de Brito. (Foto: Ricardo Moura)

O que é sertão? Contemporâneo, ultrapassado, mítico, sem tempo? De que matéria é feito, que cara tem? Qual a sua influência sobre a expressão artística de quem nasce ou vive aí? Essas perguntas foram feitas, direta ou indiretamente, na mesa de debates “Sertões estrangeiros”, de ontem (19/05), com a participação da jornalista Fabiana Moraes e do escritor Ronaldo Correia de Brito, e mediada por Schneider Carpeggiani.

Tanto a jornalista quanto o escritor, cada um dentro das possibilidades que cabem nos seus exercícios, experimentam lançar um olhar diverso sobre o sertão em seus trabalhos. Veja um pequeno depoimento dos convidados falando sobre o sertão nos seus livros:

O sertão que mudou, que incorporou elementos urbanos e que já não tem mais correspondência com a ideia do lugar prevalentemente agrário, esteriotipado e fechado ao que é moderno. Essa foi a tônica da mesa, que mexeu com qualquer ideia pronta sobre o sertão e os sertanejos. Diante disso, Fabiana Moraes fala da necessidade de desmonte da ideia pré-concebida de uma arte brasileira ou sertaneja. Ou seja, de uma arte que se engessa e se curva diante de um modelo. Mas um desmonte que não seja negação, e sim um forma não viciada de olhar e tratar o tema.

Ronaldo Correia de Brito fala dos personagens estereotipados da dita literatura regionalista, e da emergência de reinventar esses modos de ver o sertão. Para ele, o sertão mudou. “Então é natural que tudo isso mude, e que a literatura, a música, a poesia popular, não continuem investindo numa ética não existente. Insitindo num naturalismo não mais existente. Copiando este modelo, este esteriótipo de mundo, de personagens”, afirma.

Ouça também um trecho de *Galiléia* (de Ronaldo Correia de Brito) e de *Os Sertões* (livro-reportagem de Fabiana Moraes), lidos pelos próprios autores durante a mesa:

[**Berroa e Martín falam sobre literatura hispano-americana no I Clisertão**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/18/berroa-e-martin-falam-sobre-literatura-latino-americana-no-i-clisertao/)



Rei Berroa e Juan Pablo Martín falam sobre literatura hispano-americana (Foto: Ricardo Moura)

O poeta, professor e crítico Rei Berroa e o Professor da UFPE Juan Pablo Martín compuseram uma mesa sobre literatura hispano-americana na noite de ontem (17/05), no auditório da UPE, no Campus Petrolina.

Abrindo a discussão, Martín focou nas relações entre a literatura espanhola e brasileira, exemplificando o uso da quaderna: estrutura em versos tipicamente espanhola e utilizada por Ariano Suassuna. “Conhecer a literatura espanhola ajuda a entender a literatura brasileira e nordestina”, diz o professor. Suassuna, segundo Martín, é um forte exemplo das conexões entre Espanha e Brasil. “O Auto da Compadecida é um típico auto medieval”, exemplifica. Gregório de Matos e Francisco de Quevedo, Ramón Gomez de la Serna e Mário de Andrade são outras aproximações que sugere.

Rei Berroa optou por fazer um percurso pela história recente da poesia na República Dominicana, assim como as inevitáveis conexões com a política, a morte do ditador Trujillo e a complexa relação com o país vizinho, o Haiti. Problematiza também os conceitos de “dominicanidade” e “brasilidade”, que enquadram as expressões artísticas em um nacionalismo redutor. “Cada uno de nosotros es una isla”, diz, citando Jorge Luís Borges. O papel da crítica é colocado, tanto no contexto dominicano quanto em sua ampla importância para a solidez do exercício literário.

[**Jessier Quirino conta o causo “Agruras de uma lata d’água”**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/18/jessier-quirino-conta-o-causo-agruras-de-uma-lata-dagua/)

Confira aqui um dos causos contados por Jessier Quirino no show que fez ontem, na UPE, com o auditório lotado:

[**Luís Serguilha e a experiência do mergulho**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/18/um-assombro-chamado-serguilha/)



Luís Serguilha e Delmo Montenegro (Foto: Ricardo Moura)

“Poéticas e linguas de fronteira: des-territorialização, multiplicidade, des-enraizamento, hibridizações e nomadismo”. O tema da conferência com o poeta português Luís Serguilha evoca, sobretudo, o que está fora de lugar, a transgressão, o sair da zona de conforto. Para Serguilha, poesia é isso: estranhamento, produção de singularidades, intensidades, estilhaços, mergulho. Mas a conferência dele foi ainda mais que isso. Serguilha é hipnótico. A sua fala na noite da terça-feira foi de uma potência impressionante. Toda a filosofia que percorre, sempre carregando cada frase de alegorias, é como um grande recital poético. As palavras têm textura, sua entonação é emocionada.

Às vezes é difícil saber onde exatamente quer chegar. Ele diz que não quer chegar a uma resposta, porque não há resposta para a poesia. E nesse quebra-cabeça de imagens e referências filósoficas (claramente amparado, sobretudo, em Deleuze e Derrida), Serguilha consegue arrebatar e fazer-nos pensar sobre poesia de modo poético.

“A literatura é como a água. Onde está o dentro, onde está o fora?”, e com essa provocação revela aos presentes que tanto para escrever quanto para consumir literatura é preciso mergulhar nessa água e “injetar os olhos de sangue”. Também coloca a poesia como não-literatura. “Eu acho que poesia não é literatura, é uma espécie de queda cósmica, mas não pertence à literatura, mas a uma força de deformação e não de formação. É uma coisa que faz de nós trapezistas, faz de nós um caos harmonioso”, explica. Também diz que considera Guimarães Rosa e Osman Lins, por exemplo, poetas e não prosadores. “Grande Sertão não é um romance”, provoca.

Serguilha também tocou em questões relacionadas a lingua e territórios, exaltando, por exemplo, o nome de autores como o brasileiro Douglas Diegues, que trabalha com uma mistura de português e espanhol, criando um espaço único.

No final da conferência, que estava sendo mediada pelo escritor Delmo Montenegro, o poeta recitou um trecho de seu livro mais recente, chamado KOA’E. No vídeo que segue, Serguilha faz uma nova leitura do trecho especialmente para o site do Clisertão. Abaixo também, a transcrição do trecho lido.

Os degraus circundantes dos rochedos-pianistas recompõem as encruzilhadas das câmaras meteorológicas e os guardiões dos pianos-fortes, a exposição dos perfumes-da-vertigem narra e afronta a termodinâmica dos nomes albergados nos calendários tectónicos (dizem ser os sulcos libidinais do sol-vulcânico): a irreversibilidade das arenas-do-delírio despoja os predadores-seminais entre as pegadas das vertentes maternais, a silabaria elementar das estacas voadoras pigmenta os oráculos dos estômagos estelares, rusticidade-dos-eixos-imaginários sob os dançarinos das árvores-libertas-de-gêlo: as desventuras dos olhares-dos-glaciares são dentes fulgurantes da terra-divina-verbal-terra a trabalharem a incandescência milenar dos alvos-das-escoriações-das-correntes-do-vento entre os joelhos crepusculares das técnicas de caça e os mercadores-policromos das amoreiras: a perspectiva-dos-fragmentos de **Godard** e as abreviaturas-das-armações-dos-nómadas de **Kusturica** atingem a blusa iridescente do coração-da-tempestade, as bússolas desidratadas esgrimem um alpendre invisível na mensurabilidade da superfície que descruza as corolas-das-primeiras-aprendizagens como um nó desfocado da ave a lavrar as estratégias anfíbias da dor do DEVIR: colo extraído das mulheres-das-janelas prematuramente amordaçadas pela velocidade das porcelanas da luz:

os fios indecifráveis dos olhares-minerais fragmentam as ressonâncias imprimidas nas respirações nocturnas dos pássaros: as distâncias dos helicópteros-teares escondem a vegetação-dos-viadutos porque dedilham as coincidências dos mugidos das esfinges entre os formigueiros de ar e a apoteose dos mapas do historiógrafo, as simples algibeiras das lãs das bicicletas terrestres estagnam os interstícios das chuvadas-dos-aérodromos-das-bifurcações-mutáveis onde o borbulhar indivisível da tarde-das-execuções-dos-estomas entra profundamente no pressentimento das salinas-dos-percursos-alternativos como um enxame-anguloso nos decibéis dos búfalos a delimitar os candeeiros das casas-da-metamorfose: **provisórias dissemelhanças dos espasmos-das-clarabóias a encarcerarem os reflexos das instantâneas gargantas-das-feras, Schoenberg: motores das vésperas iluminadoras entre as escamas inomináveis das orquestras**: os refúgios-moleculares das suburbanas iluminuras chapinham as exclamações dos corredores-dos-viajantes e tudo se separa na caligrafia envidraçada das industrializadas abelhas: TRANSFIGURAÇÃO dos tentáculos voadores\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Lautréamont** sob os olhos-das-lâminas que embalam os vapores das pontes subterrâneas como minúsculas persianas dos simulacros a estilhaçarem o soro das madeiras-radículas-do-chamamento, as asas-das-artérias-das-faíscas são uniformemente mastreadas pelo petróleo das sombras de **Fritz Lang**, os mármores das manjedouras navegam nos rebordos-da-exaustão das cancelas-espasmódicas que devoram as hélices dos instrumentos da translucidez, jugos metálicos na origem das sondagens dos ângulos/pulsos-das-tentativas do firmamento, as luzes das traqueias alfandegárias adubam a desarrumação dos apeadeiros-dos-bois até às simulações dos trombones magmáticos:

acumular os espontâneos esmeris nos barulhos subterrâneos dos esquifes e as bacias-dos-peixes-da-autenticidade trepidam em debandada na epopeia dos hospitais dos gladiadores-de-tentáculos: alfabeto desmemoriado das hiantes casas-dos-lobos-da-geografia, um cântico-das-extremidades é interrompido pelas transições da penúria do cobre da sonolência, os êmbolos-dos-diques-da-barbárie tentam descer até às sentenças das improvisadas tonas das escalas/lenhas-glandulares-dos-seres para assistir à viuvez dos arcos-boreais **de Saint Pierre**: ligar o balouço hemorrágico do coração-dos-rebanhos às taças musgosas do vocalismo das intempéries que desvendam os fósseis das antropomorfias na orgia dos luzeiros-dos-pântanos-de-arribação: as poses nómadas das esmeraldas-dos-gigantescos-semáforos são espremidas pelos espaldares ininterruptos dos insectos de **Franz Kafka** onde se constrói um regaço oblíquo de ligaduras-de-flechas sobre a primeira prenhez dos frutos: as tapeçarias das germinações fotografam o trabalho-ócio das chispas dos poços-das-iguanas: eléctricas heras a emborcarem as fissuras citrinas dos insectos nos ofícios milenários: os fornos cromados de dentaduras aparam a salsugem-das-rugas-dos-alguidares que esvoaçam nos seixos dos abismos-urbanos, ilustrações dos cais derramadas nas lengalengas secretas dos arquitectos-chacais, procurações-telegráficas sopradas pelos cadafalsos dos favos-dos-arabescos e as luzes das colcheias vergastam as edições das sementeiras como os ímanes dos minúsculos açudes a injectarem as vogais das lebres acossadas nas naves-arco-íris **dos Sonhos de Akira Kurosawa:**

os braços glaciares estocam os parênteses das trombas entardecidas pelas fotografias imprevistas das janelas, obsessivos viajantes a naufragarem no abandono apurado da floração (dádivas transgressoras dos olhos-dos-pântanos-de-outras-colecções): os historiadores das ardósias confessam o endereço da flecha-dos-abecedários nos insectos rutilantes dos balneários, as ramificações das cisternas dos utensílios repetem-se nos dormitórios dos motores-das-montanhas (a erecção irrecuperável das lanternas dos estábulos diante dos ***Cavalos do Significado***): os zumbidos dos roteiros das fábulas são coreografados pelas pausas dos barqueiros proverbiais de **Merce Cunningham**, os carpinteiros-néons das janelas desentranham cinematograficamente as barbatanas de outras janelas onde as gemas das tecedeiras astrais absorvem as palmadas giratórias do aguaceiro: celebridade das estilhas a despojar os atilhos da obliquidade dos respiradouros: os contrastes instintivos dos soalhos solicitam a queimadura dos frutos e os cavadores das coincidências entre os talos dos secadouros nocturnos: os harmónios sibilinos das câmaras-da-astronomia anotam o vidro do desregramento na crispação das pistas do sangue das últimas corujas, os contrafortes dos formigueiros atravessam os golpes elípticos dos canaviais como a voluptuosidade do incêndio azul a fundir-se numa invasora jangada ***(A jangada das medusas)***: ramificar uma casa de águas com as protecções-membranares do ancoradouro: os bandos embriagados-da-linguagem ascendem das baforadas imberbes-insondáveis, imprevistos armistícios-dos-estilhaçamentos onde os vasos sanguíneos dos pássaros resplandecem abobadados nas fronteiras alucinadas das árvores: as inexpugnáveis raízes dos corvos fecundam as batalhas das trevas (**Dario Argento** **nas avenidas-dramáticas do electrochoque) no vaivém das amêndoas crepusculares (iluminuras das especiarias orientais de Yasujiro Ozu)**

[**Antônio Torres fala sobre sua participação no Clisertão**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/18/antonio-torres-fala-sobre-a-mesa-sertao-espelho-miragens-da-qual-participou-ao-lado-de-raimundo-carrero/)

O escritor baiano Antônio Torres fala sobre as emoções da mesa “Sertão: espelho, miragens”, da qual participou ao lado de Raimundo Carrero

[**Atenção: últimos dias de inscrição para o Recital Poético no Serrote do Urubu!**](http://clisertao.wordpress.com/2012/05/18/inscricoes-para-o-recital-poetico-no-serrote-do-urubu/)



Vista do Serrote do Urubu (Foto: Antonio Pinheiro)

Um recital poético especial no distrito de Serrote do Urubu, localizado na zona rural do município de Petrolina, vai fechar a programação do I CLISERTÃO na tarde do sábado (19/05).

Além do recital ao por do sol, com diversos poetas, dentre os quais Luís Serguilha (Portugal) e Rei Berroa (República Dominicana), haverá contação de histórias com Viramundos.

Os interessados em participar desta Ecoleitura devem enviar nome completo e um telefone de contato para o e-mail: clisertao@yahoo.com.br. As inscrições serão aceitas até as 18h de amanhã (18/05).

O ônibus sairá da Praça do Coreto, atrás da Prefeitura, às 15h30.